

Percepção da Satisfação Conjugal de Mães Adolescentes do Vale do Rio dos Sinos na Gestação e no Segundo Mês de Vida do Bebê



BÁRBARA BARTH

BIC FAPERGS - barth.barbara@yahoo.com.br

PROFA. DRA. DANIELA LEVANDOWSKI

Orientadora

UFCSPA, Curso de Psicologia

Introdução

Não há consenso na literatura em relação ao conceito de satisfação conjugal (Mossmann et al., 2006). A Teoria da Crise considera as variáveis do contexto e o funcionamento do relacionamento como fundamentais para a percepção dos cônjuges sobre a satisfação conjugal. Essa seria decorrente da capacidade do casal de superar as crises e readaptar-se a elas.

A satisfação repercute positivamente sobre os membros do casal, unindo-os e favorecendo o apoio mútuo (Sotto-Mayor & Piccinini, 2005). Já a insatisfação conjugal pode ter efeitos negativos na esfera emocional, como revelam pesquisas com casais adultos (Alvorado et al., 1993; Sotto-Mayor & Piccinini, 2005).

A transição para a parentalidade é um momento de grandes desafios para o casal (Sotto-Mayor & Piccinini, 2005), que pode potencializar questões conflitantes previamente estabelecidas. Segundo Menezes (2001), não é a transição em si que gera uma crise conjugal, e sim a história de cada casal e a qualidade da sua relação anterior à transição. Este tema também foi estudado por Belsky et al. (1983), Levy-Shiff (1994) e Lewis (1988) em âmbito internacional.

Uma relação insatisfatória com o companheiro pode comprometer a satisfação da mulher com a gravidez e a adaptação ao papel materno (Pereira et al., 1999). Desse modo, verifica-se que a satisfação com a relação conjugal é importante neste período do ciclo de vida familiar, tanto para a saúde da família que está se formando quanto para o futuro do relacionamento conjugal dos genitores.

Objetivo

Descrever a percepção de mães adolescentes do Vale dos Sinos acerca da satisfação conjugal.

Método

Delineamento

Estudo qualitativo, longitudinal, de caráter exploratório, com delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994)

Participantes

Nove mães adolescentes, com idade média de 16 anos (DP=1,73), nível socioeconômico baixo. Sete possuíam Ensino Fundamental incompleto e todas estavam envolvidas em um relacionamento amoroso de dois anos (em média).

Procedimentos e Instrumentos

Contato com as participantes na gestação, em unidades básicas de saúde (UBSs) da região do Vale dos Sinos/RS

Assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelas adolescentes e responsável

Preenchimento de uma *Ficha de Dados Sócio-Demográficos*

Realização, na residência da adolescente ou na UBS, na gestação e no segundo mês do bebê, de entrevista semiestruturada, cujos roteiros foram adaptados do projeto GRADO/NUDIF, UFRGS (Piccinini et al., 2008)

Análise dos Dados

Análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999)

Referências Bibliográficas

- Alvorado, R. R., Perucca, P. E., Neves, E., Rojas, M., Monardes, J., Olea, E. E. & Vera, A. (1993). Cuadros depresivos durante el embarazo y factores asociados. *Revista Chilena de Obstetricia y Ginecología*, 58 (2), 135-141.
- Belsky, J., Spanier, G. & Rovine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 553-566.
- Bradt, J. O. (2001). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. Em: B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 206-221). 2ed. Porto Alegre: Artmed.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: An introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 1091-1108.
- Levandowski, D. C.; Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S. (2009). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 14 (4), 679-687.
- Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Developmental Psychology*, 4 (30), 591-601.
- Lewis, J. (1988). The transition to parenthood: II. Stability and change in marital structure. *Family Process*, (27), 273-283.
- Pereira, M. da G., Santos, A. C. & Ramalho, V. (1999). Adaptação à gravidez: Um estudo biopsicossocial. *Análise Psicológica*, 17, 583-590.
- Menezes, C. C. & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12 (1), 83-93.
- Menezes, C. C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: Da gestação ao segundo mês de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado, PPG Psicologia, UFRGS
- Mossmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16, 315-325.
- Pacheco, A.; Costa, R. & Figueiredo, B. (2009). Qualidade do relacionamento com pessoas significativas: Comparação entre grávidas adolescentes e adultas. *Psicologia, Teoria e Prática*, 11 (2), 129-144.
- Sotto-Mayor, I. M. B. de & Piccinini, C. A. (2005). Relacionamento conjugal e depressão materna. *Psico*, 36 (2), 135-148.

Resultados e Discussão

Gestação

Mudanças no relacionamento em decorrência da gravidez: percepção de melhora no relacionamento, principalmente maior proximidade entre o casal.

“Tá bem melhor comigo, é que antes a gente não se dava bem, tão bem e agora se damo bem” (G1); “É que antes ele era mais afastado, saía demais com os amigos dele, não me dava tanta bola, agora chega mais junto, vai sair me convida, coisas assim, né” (G2).

Levandowski et al (2009) em um estudo com casais adolescentes gaúchos, também encontrou maior ênfase na conjugalidade após a confirmação da gravidez e durante este período, em função da preparação das condições materiais e psicológicas para a chegada do bebê.

Expectativas sobre o relacionamento após o nascimento do bebê: expectativas de uma melhora ainda maior no relacionamento.

“Acho que vai ficar melhor, né, ele vai ficar bem feliz” (G3); “Ah, as nossas brigas vão ter que diminuir, né, nossa discussão... Bastante, vai mudar. É, vai melhorar bastante!” (G4)

Segundo Mês do Bebê

Mudanças no relacionamento em decorrência do nascimento do bebê: percepção de melhora no relacionamento, especialmente maior união.

“A gente tá mais feliz” (G3); “Acho que melhorou, porque daí a gente tá mais próximos, mais juntos” (G5); “Agora nos estamos mais unidos ainda, né, por causa dela!” (G6).

Colarusso (1990) afirma que o vínculo objetal em direção ao parceiro fica mais fortalecido a partir da parentalidade, devido ao exercício de papéis complementares, para garantir a sobrevivência do bebe. Tais achados corroboram ainda estudos anteriores (Belsky et al., 1983; Levy-Shiff, 1994; Lewis, 1988; Menezes, 2001), que indicaram que casais com um bom relacionamento antes da transição para a parentalidade tendem a manter esse padrão.

Percepção sobre a vida sexual do casal: todas as participantes relataram não possuir tempo a sós com o companheiro e diminuição do desejo sexual.

“Sozinho, sozinho não, porque sempre tem a guria, né” (G2); “Não. Nenhum tempo. Quando a gente pensa em começa a namorar, o bebê acorda, começa a chorar, e daí tem que fazer alguma ‘coisa’, trocar. Sabe, daí aquele clima que ‘pinta’ já era!” (G7).

No estudo de Levandowski et al (2009) também foi encontrado um enfraquecimento da conjugalidade no terceiro mês do bebê, com a diminuição do contato afetivo e sexual. Esse panorama também é esperado entre casais adultos, conforme aponta Bradt (2001). Tais aspectos tendem a comprometer a satisfação conjugal, uma vez que a sexualidade é uma dimensão importante nessa avaliação (Pacheco et al, 2009).

Percepção sobre os conflitos conjugais: foram relatadas brigas eventuais, principalmente discordâncias em relação aos cuidados do bebê.

“Ah, briga, esse tipo de coisa, tem vezes que a gente se irrita um pouco, não muito, mas pouco” (G4); “Discussão, sabe, por causa do nenê. Eu faço uma ‘coisa’ que ele não gosta e aí ele já me xinga, sabe. Ou ele faz uma ‘coisa’ pro nenê que eu já não gosto...” (G7)

Segundo Pacheco et al (2009), “Quando uma diminuição da qualidade do relacionamento conjugal entre o início da gravidez e o pós-parto é encontrada, observa-se frequentemente um aumento dos conflitos conjugais “ (p.130)

Considerações Finais

Constatou-se, entre as participantes, uma percepção de melhora no relacionamento conjugal a partir da notícia da gravidez e após o nascimento do bebê. Porém, alguns fatores que podem contribuir para a insatisfação conjugal se fizeram presentes no segundo mês do bebê, como diminuição do contato afetivo e sexual e aumento dos conflitos.

Tais achados reforçam a necessidade de investigar as percepções dos próprios parceiros acerca da satisfação conjugal, a fim de verificar eventuais discordâncias entre o casal, que podem ser foco de uma intervenção precoce. Apontam também para a necessidade de estudos longitudinais sobre o tema.